

**DESAFIO WEEKEND**  
**TEMA DA AULA: FIGURAS DE LINGUAGENS**

DATA: \_\_\_/\_\_\_/2020.

NOME:

**LÍNGUA PORTUGUESA**

**QUESTÃO 01** //

(ESPM-SP/2020) – Leia o texto a seguir.

Segundo Massaud Moisés, em seu Dicionário de Termos Literários, a figura de linguagem denominada hipálage “designa um expediente retórico mediante o qual uma palavra troca o lugar que logicamente ocuparia na sequência frásica por outro, junto de um termo ao qual se vincula gramaticalmente.”

Esse procedimento acima descrito só não ocorre na passagem

- (A) “ao som do mar e à luz do céu profundo” (Joaquim Osório Duque Estrada)
- (B) “Uma alvura de saia moveu-se no escuro” (Eça de Queirós)
- (C) “Ai, como essa moça é distraída, sabe-se lá se está vestida ou se dorme transparente.” (Chico Buarque)
- (D) “Mandados da Rainha, que abundantes / Mesas de altos manjares excelentes” (Camões)
- (E) “Já da morte o palor me cobre o rosto / Nos lábios meus o alento desfalece” (Álvares de Azevedo)



**QUESTÃO 02** //

(FATEC-SP/2020) – Leia o texto a seguir.

Paronomásia, figura sonora definida, segundo o Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa, como “figura de linguagem que extrai expressividade da combinação de palavras que apresentam semelhança fônica, mas possuem sentidos diferentes”.

O trecho em que o autor utilizou a paronomásia na construção de seus versos é

- (A) febre, hemoptise, dispneia e suores noturnos.  
A vida inteira que podia ter sido e que não foi.  
Tosse, tosse, tosse  
(Manuel Bandeira)
- (B) No azul do céu de metileno  
A lua irônica  
Diurética  
É uma gravura de sala de jantar.  
(Carlos Drummond de Andrade)
- (C) Não amei bastante meu semelhante,  
Não catei o verme nem curei a sarna.  
Só proferi algumas palavras,  
Melodiosas, tarde, ao voltar da festa.  
(Carlos Drummond de Andrade)
- (D) Antes de tudo, a música preza  
Portanto, o ímpar. Só cabe usar  
O que é mais vago e solúvel no ar  
Sem nada em si que pousa ou pesa.  
(Paul Verlaine)
- (E) E o amor sempre nessa toada:  
Briga perdoa, perdoa briga.  
Não se deve xingar a vida,  
A gente vive, depois esquece.



### QUESTÃO 03

(UERJ/2020) – Leia o texto a seguir.

#### IDENTIDADE (1992)

Elevador é quase um templo  
Exemplo pra minar teu sono  
Sai desse compromisso  
Não vai no de serviço  
Se o social tem dono, não vai...

Quem cede a vez não quer vitória  
Somos herança da memória  
Temos a cor da noite  
Filhos de todo açoite  
Fato real de nossa história

Se o preto de alma branca pra você  
É o exemplo da dignidade  
Não nos ajuda, só nos faz sofrer  
Nem resgata nossa identidade

JORGE ARAGÃO. [vagalume.com.br](http://vagalume.com.br)

A metáfora “preto de alma branca” é criticada na letra da canção por estar associada a um contexto de

- (A) intolerância cultural
- (B) desigualdade étnica
- (C) discriminação política
- (D) hierarquia econômica
- (E) intolerância religiosa.

### QUESTÃO 04

(UFPR/2020) - Leia a tira a seguir.



(Disponível em: <http://www2.uol.com.br/niquel/bau.shtml>. Acesso em 07/07/2019.)

O recurso linguístico empregado para conferir efeito humorístico à tirinha é

- (A) a Personificação.
- (B) a Comparação.
- (C) a Metonímia.
- (D) a Ambiguidade.
- (E) o Eufemismo.

### QUESTÃO 05

(UERJ/2020) - Leia esse trecho do conto “Hora de alimentar serpentes”, de Marina Colasanti.

#### CENA ANTIGA

<sup>1</sup> Amanhece o dia entre neblinas, quando o Bem e o Mal se encontram para mais um duelo. <sup>2</sup> Escolhem as armas nos estojos, aproximam-se para o encontro ritual, encaram-se. Os padrinhos <sup>3</sup> que aguardam ao lado do campo, escuros como as gralhas que saltitam entre restolhos, são instados <sup>4</sup> a partir. Que não haja testemunhas.

<sup>5</sup> Afastados estes, Bem e Mal guardam as armas, se envolvem em suas capas e caminham até a taverna <sup>6</sup> mais próxima. Ali, frente a canecos cheios, discutirão estratégias e trocarão conselhos durante dias <sup>7</sup> ou séculos, até o próximo duelo.

No conto de Marina Colasanti, Bem e Mal são ideias personificadas. Essa personificação é identificada, nesse trecho, pela narração de

- (A) ações.
- (B) crenças.
- (C) desejos.
- (D) sentimentos.
- (E) comportamentos.

### QUESTÃO 06

(UERJ/2020) - Leia este fragmento do conto “Hora de alimentar as serpentes”, de Marina Colasanti.

#### PARA COMEÇAR

Desejou ter a beleza de uma árvore frondosa tatuada nas costas, copa espreada sobre os ombros. Temendo, porém, o longo sofrimento imposto pelas agulhas, mandou tatuar na base da coluna, bem na base, a mínima semente.

Na narrativa, o desejo inicial e a decisão final do personagem podem ser relacionados por meio da seguinte figura de linguagem

- (A) metonímia.
- (B) hipérbole.
- (C) antítese.
- (D) ironia.
- (E) comparação.

## QUESTÃO 07

(UERJ/2020) - Leia mais um trecho do conto “Hora de alimentar as serpentes”, de Marina Colasanti.

### PESCANDO NA MARGEM DO RIO

<sup>1</sup> Era um homem muito velho, que cada manhã acordava certo de que aquela seria a última. E porque <sup>2</sup> seria a última, pegava o caniço, a latinha de iscas, e ia pescar na beira do rio. As poucas pessoas <sup>3</sup> que ainda se ocupavam dele reclamaram, a princípio. Que aquilo era perigoso, que ficava muito só, <sup>4</sup> que poderia ter um mal súbito. Depois, considerando que um mal súbito seria solução para vários <sup>5</sup> problemas, deixaram que fosse, e logo deixaram de reparar quando ia. O velho entrou, assim, na <sup>6</sup> categoria dos ausentes.

<sup>7</sup> Ausente para os outros, continuava docemente presente para si mesmo.

<sup>8</sup> Ia ao rio com a alma fresca como a manhã. Demorava um pouco a chegar porque seus passos eram <sup>9</sup> lentos, mas, não tendo pressa alguma, o caminho lhe era só prazer. Não havia nada ali que não <sup>10</sup> conhecesse, as pedras, as poças, as árvores, e até o sapo que saltava na poça e as aves que cantavam <sup>11</sup> nos galhos, tudo lhe era familiar. E embora a natureza não se curvasse para cumprimentá-lo, sabia-se <sup>12</sup> bem-vindo.

<sup>13</sup> O dia escorria mais lento que a água. Quando algum peixe tinha a delicadeza de morder o seu <sup>14</sup> anzol, ele o limpava ali mesmo, cuidadoso, e o assava sobre um fogo de gravetos. Quando nenhuma <sup>15</sup> presença esticava a linha do caniço, comia o pão que havia trazido, molhado no rio para não ferir <sup>16</sup> as gengivas desguarnecidas.

<sup>17</sup> À noite, em casa, ninguém lhe perguntava como havia sido o seu dia.

<sup>18</sup> Fazia-se mais fraco, porém.

<sup>19</sup> E chegou a manhã em que, debruçando-se sobre a água antes mesmo de prender a isca na barbela <sup>20</sup> afiada, viu faiscar um brilho novo. Apertou as pálpebras para ver melhor, não era um peixe. Movido <sup>21</sup> pela correnteza, um anzol bem maior do que o seu agitava-se, sem isca. Por mais que se esforçasse, <sup>22</sup> não conseguiu ver a linha, enxergava cada vez menos. Nem havia qualquer pescador por perto.

<sup>23</sup> O velho não descalçou as sandálias, as pedras da margem eram ásperas.

<sup>24</sup> Entrou na água devagar, evitando escorregar. Não chegou a perceber o frio, o tempo das percepções <sup>25</sup> havia acabado. Alongou-se na água, mordeu o anzol que havia vindo por ele, e deixou-se levar.

O conto constrói um paradoxo, que está formulado em

- (A) o velho rejuvenesce.
- (B) o peixe se torna isca.
- (C) o pescador é pescado.
- (D) a natureza se artificializa.
- (E) passos lentos, mas não tendo pressa.

## QUESTÃO 08

(UNIRG-TO/2020) - Leia o poema a seguir.

Vi ontem um bicho  
Na imundície do pátio  
Catando comida entre os detritos.

Quando achava alguma coisa,  
Não examinava nem cheirava:  
Engolia com voracidade.

O bicho não era um cão,  
Não era um gato.  
Não era um rato.

O bicho, meu Deus, era um homem.

BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

Nesse poema, a situação de um ser biforme é expressa a partir do modo como o eu lírico explora os recursos semânticos da figura de linguagem conhecida como

- (A) gradação, que realiza a desumanização do ser por meio de um progressivo esvaziamento de sua dignidade, restando os animais acima dele situados.
- (B) metonímia, que toma o homem pelo cão a partir de uma característica comum a ambos, a voracidade com que se alimentam.
- (C) hipérbole, que reforça a degradação do ser por meio da indignação do eu lírico ante a revelação de que o bicho era um homem.
- (D) prosopopeia, que humaniza os bichos presentes no poema por meio da aproximação entre eles e o homem com o qual se irmanam.
- (E) assonância, que explora os recursos sonoros das vogais para criar uma semelhança de sons da cena descrita.



## QUESTÃO 09

(FCM-MG/2020) - Leia o texto a seguir.

### DISTÂNCIA TEM CURA

Em quase trinta anos atendendo doentes em cadeias, jamais ouvi um desaforo, uma palavra áspera, uma reivindicação mal-educada. Às vezes, fica difícil acreditar que pessoas tão respeitadas com o médico tenham cometido os crimes que constam de seus prontuários. Profissão caprichosa a medicina, capaz de criar empatia mútua entre dois estranhos em questão de minutos.

A tendência natural é a de nos aproximarmos de pessoas da mesma classe social, com gostos, ideias, posições políticas e estilos de vida semelhantes aos nossos. Embora esse formato de convivência nos traga conforto, não abre espaço para o contraditório nem dá acesso a modos de pensar e de viver radicalmente diferentes. Impossível imaginar como eu chegaria aos 73 anos se não fosse a experiência nos presídios, mas sei que saberia menos medicina e desconheceria aspectos da alma humana aos quais só tive acesso porque me dispus a chegar perto daqueles que a sociedade tranca atrás de grades.

O fascínio infantil pelo mundo marginal que me conduziu ao Carandiru ainda persiste. Não faço esse trabalho voluntário que me toma um período da semana há tantos anos por motivações religiosas ou engajamento ideológico de qualquer natureza — sou avesso a religiões e ideologias —, mas porque posso dispor desse tempo e manter aceso o interesse pela complexidade das interações humanas, sem o qual viver perde o encanto.

(VARELLA, Drauzio. *Prisioneiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, ed. Ebook.)

Drauzio Varela, em nenhum momento do texto, emprega o vocábulo “preso”, utilizando-se de outras palavras ou expressões. Assinale a alternativa cuja expressão é uma metonímia usada pelo autor, ou seja, um recurso de linguagem figurada que consiste em empregar um termo no lugar de outro, havendo entre ambos estreita afinidade ou relação de sentido entre

- (A) aqueles que a sociedade tranca atrás de grades.
- (B) pessoas da mesma classe social.
- (C) dois estranhos.
- (D) doentes.
- (E) profissão caprichosa.

## QUESTÃO 10

(Fac.SantoAgostinho-BA/2020) - Leia o texto a seguir.

### O inglês do Tarzan

Há dias, quando o ator Peter Fonda morreu, um veículo publicou uma declaração de sua irmã, Jane Fonda. Ela dizia estar arrasada com a morte de seu “irmãozinho de coração doce”. Não sou diabético, mas essa imagem pode ter alterado meu nível de glicose, e só um exercício intelectual me levou a concluir que Jane devia estar se referindo a seu “little sweetheart brother” — seu “irmãozinho querido” ou, amorosamente, “namoradinho”.

Pérolas equivalentes, frequentes no noticiário, são “plant” (fábrica) por planta, “library” (biblioteca) por livraria, “argument” (discussão) por argumento, “appointment” (encontro) por apontamento e “realize” (concluir) por realizar.

Os erros, hoje, vêm até nos melhores livros. “We’re in business” (agora vai ou vamos nessa) se tornou “estamos no negócio”. “My gentleman friend” (o “coronel” ou o “senhor que me ajuda”) passou a ser “meu cavalheiro amigo”. E “we were drinking buddies” (nós éramos colegas de copo) transmutou-se no hilário “estávamos bebendo umas Buddies”.

Mas estamos avançando rumo à condição de 51º estado americano. A velha “vaquinha” tornou-se “crowdfunding”. Aleatório é “randômico”. Gostar de alguém é “dar um match”. Estar a fim é “ter um crush”. E uma palavra já incorporada ao léxico, “delivery”, não se limita mais à entrega em domicílio da pizza pelo motoboy. Assim como em inglês, estendeu-se — em português — a cumprir ou deixar de cumprir alguma coisa: “Fulano era uma grande promessa, mas não entregou o que se esperava dele”.

Pela abundância de inglês em nossas placas, fachadas e camisetas, era como se o falássemos tão bem quanto os alemães. Que nada. Pela avaliação internacional, somos tão monoglotas quanto os russos. [...]

CASTRO, Ruy. *O inglês do Tarzan*. Folha de S.Paulo. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/ruycastro/2019/09/o-ingles-do-tarzan.shtml>>. Acesso em: 18 set. 2019. (Fragmento)

Para construir a perspectiva crítica do texto, o autor faz uso da ironia, uma figura de pensamento que veicula um significado contrário à interpretação literal do enunciado, a fim de obter um efeito crítico ou humorístico.

Considerando-se esse conceito, há o uso da ironia na seguinte passagem

- (A) “E uma palavra já incorporada ao léxico, “delivery”, não se limita mais à entrega em domicílio da pizza pelo motoboy. ”
- (B) “Ela dizia estar arrasada com a morte de seu “irmãozinho de coração doce”. ”
- (C) “Há dias, quando o ator Peter Fonda morreu, um veículo publicou uma declaração de sua irmã, Jane Fonda. ”
- (D) “Mas estamos avançando rumo à condição de 51º estado americano. ”
- (E) “Os erros, hoje, vêm até nos melhores livros. ”



### **GABARITO**

- Questão 01 – E**
- Questão 02 – D**
- Questão 03 – B**
- Questão 04 – D**
- Questão 05 – A**
- Questão 06 – A**
- Questão 07 – C**
- Questão 08 – A**
- Questão 09 – A**
- Questão 10 – D**